
ENTRE A NOITE E A MANHÃ
— contos —

LUIZ DIAS BAHIA

ENTRE A NOITE E A MANHÃ

— contos —

Tessitura

BELO HORIZONTE

— 2005 —

Dedico este trabalho aos amigos e amigas que, de uma forma ou de outra, contribuíram em sua elaboração.

Os canais que só existem no mapa.

Ana Cristina César

*E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida*

João Cabral de Melo Neto

ÍNDICE

	9	A Noite
	21	Breve Estória da Revolução Francesa
	33	Os Dois Amigos
	45	O Casamento de Sofia
	59	José, o Eterno
	73	A Fábula de Camila
	87	Passagem para o Dia
	101	A Linha no Labirinto
	119	A Manhã

<i>posfácio</i>	129	<i>Entre a noite e a manhã, surge um belo livro</i>
-----------------	-----	---

– Você acredita – ela dissera.

Sim, podia lembrar: ela dissera. Dissera como quem lamenta. Anos atrás, ele iniciara tudo. Talvez pela simples necessidade de um desafio. Ou para mudar da melancolia ao êxtase. Sim, ela dissera. A crua verdade. Ele passara a viver sobre o fio de seus extremos distendidos. O máximo de angústia, o máximo de risco, o máximo de esperança. Um balão de hélio tentando romper a fronteira incandescente da atmosfera. Rompera? Impossível evitar a glória e a perda, ao mesmo tempo: aquela sensibilidade dúbia que o fascinava, através de uma vaga necessidade do essencial.

Sim, ela dissera a verdade: ele acreditava. Era irônico, pensava, como coisas desconexas, insuspeitas, de repente se juntavam numa harmonia estranha, sedutora. E o prendiam. Formavam uma rede ilógica, mas persistente, invulnerável. Sem perceber, seus atos buscavam, seguiam esses fragmentos. Sua mente girava em torno de um centro mutante. E tudo fazia sentido, como nunca. Decidira-se por aquele caminho, como quem escolhe um dos sofrimentos disponíveis. Decidira-se. E, hoje, estava ali o resultado: a fórmula, que iria apresentar à banca examinadora.

Sim, ela dissera. E partira. A plataforma vazia, naquela tarde de maio. O frio se fundia ao azul e dava às faces de todos uma resignação vítrea. Resignado estava ele. “Você acredita” – ela dissera, o rosto oculto nas sombras do trem. Ele sabia que, perante o abismo, optara pelo desvio menos cruel. Estava

linda. A pele branca lembrava-lhe as nuvens de seus sonhos na infância. Ela sabia encantá-lo. Aquele sorriso feito de dor, que conseguia desenhar como ninguém. Uma linha sutil de perseverança e pureza. Como ninguém. Quando partiu, rompendo um elo tênue de mútua confiança, teve vontade de correr. Ele acreditava. E ficou parado. Vendo a linha daqueles lábios se misturar com a do horizonte.

Agora, a fórmula. Álgebra arrancada do caos. Quanto lhe custara aquilo? Queria avaliar? Apenas sentia orgulho dela. Sua ponte de concreto armado sobre o pântano. Também uma espécie de refúgio. De sala de espelhos, onde se refletia infinitamente. Numa felicidade tão mecânica que... triste. Sim, triste. Via aquela fórmula com tristeza e lembrava de Maria no trem. Ela tentara dizer: “A matemática é mais importante para você do que um filho”. Mas dissera: “Você acredita”. Talvez, como quem diz: “Sua vontade é a verdade”. Ali. A fórmula.

– Você está na vanguarda, Virgílio – Atena dizia – Você.

Atena nunca quisera um filho. Na vanguarda. Catalogava seus artigos, lavava religiosamente suas camisas, beijava-o, abraçava-o nos momentos corretos. Casara-se no momento correto.

Dentro da biblioteca, olhava, com serenidade de alpinista, uma paisagem: suas estantes cheias, paralelas. Sobre a mesa, sua tese, a ser defendida no dia seguinte. Banhado por uma sombra acolhedora, o corpo. Tudo parecia tranquilo, tudo ensaiado para uma defesa perfeita. Exceto a lembrança, como sempre. Mas, amanhã, quem lhe indagaria a respeito? Estava prestes a ser absolvido. Sentiu orgulho, confiança.

Quase silêncio. A mulher ensaiando “Hamlet” no quarto vizinho.

Abriu sua tese. Foi direto à fórmula final. Lá estava. A integral, a derivada, os limites, a exponencial – a fórmula. Custara-lhe chegar ali. O que dizer nesse momento?

– Pára, ilusão! – ouviu ao fundo a voz da mulher.

Voltou a contemplar a fórmula. Sua simetria dava-lhe segurança. Apenas isso? Sentiu no peito uma zona cinzenta. Restara alguma semente de caos sob o equilíbrio?

Olhava. Para a rua. Ou para a tela brilhante do computador. A dúvida permanecia. A lembrança, de novo? Negativo. A fórmula. Todo um raciocínio complexo, uma análise cheia de desvios, atalhos, meandros, reunidos num único feixe de símbolos. Essa pureza lhe agradava, como se pudesse beber afinal água da nascente. E a outros, agradaria? Pouco provável. Para quem a usasse, seria um arabesco mecânico. Seu produto: o anonimato de uma rotina indispensável (a exemplo das demais). E angustiante. Era como se tivesse pichado num muro palavras enigmáticas. Quem as lesse entenderia, talvez, uma vaga busca?

Seu objetivo fora apenas atingir um ponto. Queria algo singelo: aquele resultado banal. Um traço de crua essência. Daí a sedução da fórmula. Agora, isso parecia muito para ela. A urdidura mesma da álgebra revelara um mundo muito mais complexo. Os fatos, além de únicos, desconexos, simultâneos. Querer expressar isso numa fórmula era ainda atraente – e quase duvidoso. Anos trabalhando. Dias, noites. Apenas para explicitar uma dúvida?

Sentiu o peito pesado. Levantou-se.

Se era dúvida o que exprimia, como o fizera? Uma integral até o infinito. E o que era o infinito? – pela primeira

vez, indagava. Que experiência, que conceito lhe sugeria o infinito? Difícil. Nunca lhe haviam perguntado, apesar de o usarem tanto. Tinha a consciência de estar sendo estúpido e pertinente ao mesmo tempo. Só lhe ocorria uma resposta: o infinito era uma vontade. Uma exigência heróica. Qual a forma do infinito?

Queria parar de pensar. Mas seu cérebro treinado de pesquisador jamais obedeceria. O raciocínio corroendo sua tranqüilidade, aos poucos. Um ácido que escorresse lentamente e roesse milímetro a milímetro seus princípios. Nada a fazer. Apenas pensar, pensar e, depois, sofrer.

O infinito como uma vontade. Além da morte. Espectro de um fantasma? De alguém que jejua nas chamas? Misto de angústia e breu. Fundados sobre o indefinido. A silhueta da ausência. Beleza de susto sustentado sem limites. Com uma frieza radical: a de existir no inatingível. O beijo, que a ponta de um diamante guarda.

(Ao final desse raciocínio, seu sofrimento seria extremo – calculava).

E qual o instrumento para construir esse diamante? A integral. O mínimo somado ao mínimo infinitas vezes para atingir o infinito. Medir o infinito, por estranho que pareça, através do mínimo. Do imperceptível. Havia aí nova exigência heróica. Vontade a tal ponto perfeita, que poderia ser comparada à luz. Mais ainda: a luz no vazio. O vazio devassado, em todos seus cantos e detalhes. E nem ao menos o vazio: sua dimensão real. Como? Através de um desconto do infinito mesmo. O infinito refletido no infinito que desconta o vazio. Adensa-o em cada poro. Talvez, uma

escultura do vazio através do infinito. A beleza de Narciso, ao se ver: real. Ou a dor de lidar com o indefinido reduzida a uma pedrinha polida.

Ali ele, às quatro da tarde, prestes a defender sua tese, com o vazio salgando a palma da mão. E a dor, já iminente. Antes dela chegar, havia uma última parcela para o ácido corroer: a igualdade da fórmula, o espelho de Narciso. O que se igualava? Matematicamente falando, a variável sombra. A sombra atual era determinada pela sombra estendida para trás, desde o infinito. No vazio da luz, um vazio maior: o fruto do rosto de Narciso.

Como estender uma sombra desde o infinito se o espaço é descontínuo, e o tempo, um novelo? Ou seja, havia abismos insondáveis. E a noite devoraria a sombra a cada dia.

Pronto, a dor.

Sentou-se, inquieto. O pensamento final batia à porta da consciência: a fórmula se resumia à luz que gera uma sombra no reflexo do vazio sobre si mesmo. Sua lucidez impiedosa, para variar.

Trabalhara anos, apenas para tocar o absurdo? Parecia um surdo tentando afinar o piano, antes do recital.

Na véspera da defesa, sentiu necessidade de recomeçar. Acabara apenas mostrando o próprio erro. Ou executando uma farsa?

Nada como fazer o máximo quando nada se pode fazer. Devia haver alguma referência firme em tudo isso. Quem sabe, do vazio denso, iluminado e absurdo conseguiria garimpar uma estrutura, por menor que fosse?

Decidiu ir à Universidade. Nos livros da bibliografia, devia

ter escapado uma pista. Já no elevador, ainda pôde ouvir a mulher:

– Pára, ilusão!

A alta velocidade no Eixo Central, pensava: conseguiria vencer a decepção? A dor forte, forte a ponto de se sentir humilhado. Debatia-se numa solitária que ele mesmo construía. Um misto de revolta e cansaço se amarrava no seu peito palpitante e inútil no vazio.

Depois de estacionar, podia ouvir seus passos ressoarem no oco do edifício. Afinal, encontrou em sua sala os papéis desarrumados sobre a mesa e o computador que, como sempre, esquecera ligado.

Já na cadeira, sentiu o silêncio: um bloco de gelo. A biblioteca, na certa, fechada. Impossível recapitular os principais livros. Mas isso também seria inútil. Bastava reler a tese.

Talvez estivesse à frente de outra tarefa absurda. Mexia na prateleira. Ela era uma espécie de registro involuntário. Sua história anônima. Ali estavam as anotações desde o início do trabalho. Catalogadas, uma a uma. Os artigos mais importantes. Alguns livros que chegara a comprar. E um maço de folhas agrupadas, cujo significado esquecera.

Abriu-as. Eram as notas de seu orientador sobre o desenvolvimento da tese. Sentou-se – folheando o bloco. Podia reconstituir a tese a partir daqueles fragmentos.

“Homero, qual o tema para minha tese?”.

Esse o primeiro bilhete no escaninho do orientador. Ele respondera:

“Faça algo ao mesmo tempo simples e sobre o futuro.

Simples, porque mais fácil de desenvolver. Sobre o futuro, porque com mais chance de aceitarem”.

Quase riu. Homero, nome do poeta de uma sociedade viva. Orientando Virgílio, nome do poeta de uma Arcádia fictícia. A figura tentando dar vida ao figurado.

Quase riu de novo, apesar da dor. O futuro. Essa fora a chave. E como o desenvolvera? Procurou nas notas.

“Bom seu desenvolvimento. Concordo: o futuro deve ser paramétrico. Mas lembre que ele também é estocástico, além de universal.”

Sim, esse o ponto. Custara-lhe para demonstrar estatisticamente que o futuro era um parâmetro no tempo, uma referência de medida – paramétrico, enfim. Faltava considerar um paradoxo: a medida, além de ocasional (estocástica), encontrava-se em qualquer época ou lugar (era universal). Esse fora um impasse decisivo. O acaso podia não ser particular? Levava meses tentando equilibrar a álgebra das equações. Homero lhe escrevera:

“Tente o diferencial do erro a partir do futuro. Pense o acaso como o erro de uma vontade.”

Perfeito. Trabalhar o erro a partir da projeção do que ocorreria, ou seja, a sombra. O acaso seria uma espécie de sombra do gesto a se realizar. Daí, seria possível descobrir uma frequência do acaso através da dispersão do intencional. O sem-querer a partir do querer. E assim integrar, ou estender esse funcional no tempo, para matematizar o futuro. Brilhante. Quer dizer, a sombra da variável dependeria de sua sombra estendida para trás desde o infinito. Isso teria mil utilidades: bolsa de valores, mercados futuros, inteligência artificial, etc.

Se brilhante, por que a dor?

Acordando de um sonho bom, recordou o que pensara em casa: estender a sombra desde o infinito era farsa pura. Não uma farsa através da perda das referências – absurdo simples, enfim. Mas uma farsa mais sutil e perigosa. A que exige demais a partir das regras. As regras aplicadas com excesso de rigor e inverossímeis, delírio. Uma espécie de Frankenstein: o surreal através da hipertrofia do clássico. Aquele futuro, enfim.

O futuro?

“Sim, o futuro, Virgílio. Uma mistura de herança com ruptura, de retorno com fuga. Foi isso o que você matematizou. Parabéns.”

Parabéns. Ele conseguira formalizar, talvez, a utopia do século: acreditar no presente apenas se traduzido para trás desde o futuro pretendido. Antecipar o fato, para poder assumir o próprio fato. Por uma manobra surreal, normaliza-se o momento. O esperado como uma referência idealizada, inatingível, adequada porque expressiva. E nem sequer o esperado: aquele esperado capaz de ser reduzido aos símbolos do ótimo – ou seja, do melhor, consideradas as dificuldades. Capaz de derreter os relógios. Incrível. Através do possível, tomado nos extremos, atingir o impossível. Essa a fórmula.

Parabéns.

Na sua sala, em silêncio, ousou (pela primeira vez?) pensar: por que se evita ter apenas o presente? Por que a necessidade da farsa, traduzida pelo futuro?

Perguntara isso a Homero? Procurou entre os papéis.

“Vá em frente. Esse é o jogo”.